

# considerações ao acaso

por CORREIA DE SOUSA

III

Para a humanidade sofradora os filósofos são habitantes do país da imaginação nas sombras à procura da luz que os conduza a um objectivo—percorrer a distância que os separa da última verdade. Nessa tarefa escabrosa tudo os preocupa. Fazem da Natureza um elemento em que há segredos e laboratório em que se hão-de operar milagres. Auscultam-na como o médico que se esforça por acertar com o diagnóstico dum caso raro. Observam, meditam até à abstracção. Entram em acção as ciências físicas e químicas. Cálculos dos monómbos aos teoremas, aos confins da álgebra e da matemática, até se fatigarem.

Uns, não se conformando com as leis da matéria, ultrapassam-nas levados nas asas da imaginação, limitando o vôo no espaço... do criado por criador incriado. Para esses, aí está a última mas inatingível verdade. Outros, casmurros, encontrando a menos a matéria por aqueles achada a mais nas suas mensurações, aparecem à janela e dizem aos vizinhos que seguem caminho errado. Já cristãos, muçulmanos e luteranos haviam feito assim.

Todos teimosos, depois da disputa, que também entra no número das coisas humanas mesmo em país de sábios, correm ao laboratório, anestesiaram os nervos e abancam. Continuam. Fora não havia viva alma. Parece que não. Ninguém ouviu. Fora, o que existe lá fora? Dão mais pela existência do átomo, do electrão, dos imponderáveis. Captam-nos, pesam-nos e medem-nos. Continuam. O caminho é o da última verdade. Entre eles e a meta há uma distância a percorrer e os elementos para a vencer. Além disso é o vazio.

Parece que a felicidade humana depende dessa última verdade procurada com afanosa persistência. Para uns, ela só poderá ser a expressão duma redenção miraculosa. Seus numerosos agentes espalham por todo o orbe, abrangendo o campo de escolas diametralmente opostas (?) que a felicidade é a expressão última de tudo e que só pode ser concebida e determinada pelo conjunto de factores morais, psicológicos, etc., existentes no individuo ou que pela vida fóra o acom-

panham. Aqui, estão, afinal, quasi todos de acordo.

Outros dir-se-iam empenhados em demonstrar que a felicidade humana depende do derimir de litígios científicos.

Temos aqui um porteiro—a nossa felicidade chega a tanto—que também é filósofo. Quando chove encosta-se à ombreira da porta e fumando uma cachimbada, passa horas a pensar, a ver a água cair, a olhar o paralelepipedo basalto insensível, em que a chuva cai com persistente abundância; a vêr quem desaparece, tirando de frio, fustigado pela ventania irada... Está a filosofar.

Num desses dias de crise de abundância em que a água caía na rua como se das alturas se estivesse, por estranha vingança, despejando todos os Amazonas e Mississippis, fizemos-lhe demorada companhia encostados à outra ombreira. Começou a discutir sobre esses problemas em que decide o «ser ou não ser». A uma propositada objecção nossa, elle fita-nos e tirando o cachimbo da boca diz-nos com um brilho estranho nos olhos:

—Não, eu não pretendo regressar às idades de Caliban nem pedir ao antropologista que me conduza à História, mas dispenso essa ciência de que não se vislumbram benefícios. Compare Leonardo Colmbra com Antero, Bergson com Han Ryner, os *Enigmas do Universo* e todos os enigmas com *O homem e a Terra*, de Reclus, todos os Salgaris a Zola, os mistificadores da pedagogia a Montessori, os Cantus e Webers a Jacquinet e diga-me se todas as altas filosofias aristotélicas ou parecidas não terão atingido o seu humano fim em Volney e no principio do jurisconsulto inglês Bentham, «o maior bem para o maior número» ou se o biologista vê, por declaração dos geólogos, terminar a sua missão...—e olhava, ao longo da rua em frente, abundantemente regada, quem desaparecia fustigado pela chuva fria, irónico, puxada pela ventania furibunda...

O rei manda andar e nós tivemos de obedecer à tirania do cronómetro. Quando viu que nos disputamos a afrontar corajosamente a tempestade, tirou o cachimbo e metralhou-nos—a boca dele parecia realmente uma metralhadora!—pelas costas:

—As estatísticas demográficas parece que são feitas...

Não ouvimos o resto, mas cremos que completou: com pedras. E lá fomos a filosofar também sob a crise de nervos dos Elementos revoltos. Era bem a prova de que o filosofar é verbo sem o qual não existe o viver. Notamos uma diferença—a falta de *Filosofia da Vida para a Vida*.

O homem é o instrumento criador de todas as riquezas e de todas as observações e o além da sua existência como espécie só o pode interessar como superior desporto filosófico depois de realizada a felicidade relativa e comportado nos progressos científicos do seu tempo. E' o humano problema da Ciência. Colocando a última verdade no incógnito ou hipotético limite da duração da espécie teremos aberto o caminho do incentivo à perpetuação da vida. O além fora do homem-espécie pertence à matéria no eterno dinamismo de eternas mutações. A vida, feita de realidades objectivas, exige a aplicação dos progressos científicos contemporâneos das gerações.

Se os sábios geólogos um dia averiguarem que em tal ano ou século a geotermia tornará a vida orgânica impossível, aí terminará a missão do biologista e de todos os cientistas até ao historiador. O que fariam então os filósofos à diferença entre a ciência adquirida e a praticamente aplicada à reduzida felicidade humana?

As artes e as técnicas produzem maravilhas, os transportes e a T. S. F. estabeleceram as comunicações entre os povos, indústria e comércio vão a caminho da plenitude do desenvolvimento, todas as riquezas entram em regime de franca exploração, a Higiene trata da conservação da saúde e todos os outros ramos de saber têm a sua missão. Hoje não há quem contradiga que a Ciência é património social. E'. Mas o que importa é ver qual a extensão dela em teoria e qual a extensão da aplicada em benefício social. Em realidade só é património social o que é humana e socialmente utilizada.

Os fisiologistas e biologistas dão pela existência do protoplasma e do zigoto, utilizando-se de todos os recursos científicos para determinar a vida nas suas origens e abandonam o homem ao mecanismo social que, por irregular execução das aquisições científicas lhe tolhe o

natural desenvolvimento da vida. Os químicos dão pelo «nascimento» dos cristais alheando-se do mundo de factores que para as sociedades humanas tornam a química orgânica uma ironia. Os matemáticos e teóricos da Relatividade, pesam e medem todas as quantidades e relacionam todos os conhecimentos, e parecem alheios à existência do ser humano. Os filósofos continuam a pesquisar com os microscópios e telescópios da imaginação, sem lançarem um olhar pela superfície do globo.

Sem dúvida que há uma força superior à Ciência. Já era vassala na velha Grecia, pátria da Filosofia. A Sabedoria está na Génesis. A Ciência perdeu, num campeonato mundial, o seu titulo de Deus da Vida.

Há séculos que os progressos sociais chamam a atenção dos cientistas para um problema mais grave e humano do que as congeminações filosóficas, praticamente equívocas a parábolas paradoxais. A humanidade só pode encontrar duas soluções para o magno problema: humanizar a vida confiando nos intérpretes das leis naturais ou resignar-se ao mistério da existência casado com o fatalismo prehistórico.

O geólogo, partindo da piro e litosfera, acompanha o globo nas suas fases de transformação, determina-lhe as estruturas, constituição e temperatura, cessando a sua responsabilidade com a entrega do campo da vida ao biologista. Este encerra-se no seu laboratório e apresenta as leis da formação da vida orgânica, incumbindo o antropologista e o etnologista de percorrerem o caminho entre eles e a História, onde o homem vai desempenhar a importante missão de laborioso agente do progresso.

Ultrapassamos essas idades. Hoje não cabe às ciências antropológicas e etnológicas a entrega do homem à História. Essa missão cabe à Pedagogia. Como dêste campo transitar para a História, esta assim apresentará o novo Caliban. Não se diverge na teoria. Resta a confirmação da prática, pondo em acção e a pleno rendimento os elementos teóricos.

A divergência é de todos os tempos da vida do homem desde que ele iniciou a luta contra si próprio na disputa dos meios de subsistência.

(Continua na página imediata)